



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 4 DE ABRIL DE 2000

Considero uma honra ser o primeiro Presidente do Brasil a realizar uma visita de caráter bilateral à Costa Rica.

Venho somar minha crença na cooperação entre nossos países a tudo quanto já se pôde alcançar em mais de um século de relações diplomáticas.

Conheço e admiro a Costa Rica há muito tempo. Aqui estive nos anos 60 – quando trabalhava na Cepal – por instruções de Raúl Prebisch. Eram os tempos em que a América Latina retraçava seus caminhos, e minha tarefa era a de colaborar em estudos e projetos ligados ao Banco Centro-Americano de Integração Econômica. Guardo desde então a lembrança calorosa de um povo amigo.

Recebo como uma distinção especialmente cara para mim a Ordem Nacional Juan Mora Fernández, que Vossa Excelência, Presidente Rodríguez, acaba de conferir-me. Vou guardá-la como tributo maior à amizade entre os povos.

Trago, do Brasil, uma mensagem de confiança no potencial de relacionamento entre os dois países, que não apenas compartilham a identidade histórica latino-americana, ibero-americana, mas tam-

bém uma visão de mundo: a que se constrói pelo compromisso com a paz, com a liberdade e com o desenvolvimento social.

No Brasil, temos admiração e interesse pela Costa Rica. E não por acaso. No mundo em desenvolvimento, e na América Latina, a Costa Rica sobressai como um modelo de país que tem uma história exemplar de estabilidade democrática, que alcançou índices invejáveis de desenvolvimento humano, que deu passos pioneiros na proteção do meio ambiente e que realiza uma política externa voltada para a paz e a justiça.

Hoje, Brasil e Costa Rica estão extraíndo os benefícios da estabilidade econômica e de uma integração proveitosa com a economia mundial. Estamos impulsionando a modernização de nossas economias, com a incorporação de tecnologias avançadas ao processo produtivo. Estamos trabalhando para aperfeiçoar a qualidade da educação e, o que é essencial, para universalizá-la.

Temos alcançado resultados importantíssimos na área da saúde. Alguns dirão: há ainda muito a fazer. É verdade. Falta muito. Quem dissesse o contrário seria insensível à gravidade dos problemas que ainda enfrentamos, mas muito também já se fez.

E há um ponto que é particularmente importante: estamos construindo uma nova mentalidade no tratamento da relação entre o econômico e o social. Uma nova mentalidade que significa o dobrar final dos sinos para fenômenos políticos que, em décadas anteriores, tantos males causaram à América Latina, com a noção de que para sermos progressistas no social seria inevitável que fôssemos irresponsáveis no econômico. Ou que para sermos responsáveis no manejo da economia teríamos que ser conservadores no social.

Hoje a paisagem política é mais interessante. Temos espaço para consensos políticos cada vez mais sólidos em favor de avanços na justiça social, nos direitos humanos, na proteção ambiental, a partir de uma base de estabilidade e crescimento econômico sustentado.

Sempre haverá escolhas a fazer. Governar é fazer escolhas e é fazê-las de forma consciente, de forma responsável. A América Latina entra no século XXI com a capacidade de ter essa consciência e de exercer essa responsabilidade.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores, o futuro de nossa região, e mesmo o de nosso hemisfério, é impensável sem que se compreenda o significado dos processos de integração e de articulação inter-regional que estão em curso nas Américas. Brasil e Costa Rica têm a experiência direta, em primeira mão, da importância crescente desses processos.

Na América do Sul ou na América Central, o que está em jogo é o mesmo: é a nossa capacidade de fazer frente ao desafio da nova economia, das novas tecnologias, dos processos produtivos em que cada vez mais o conhecimento será fundamental.

Desde o início dos anos 90, o Brasil aprofundou, em ritmo acelerado e com alta prioridade, a construção do Mercosul. Essa tem sido, para os brasileiros, uma experiência histórica de aprendizado e de enriquecimento mútuo. Temos orgulho do muito que já realizamos. E posso afirmar sem medo de errar: o Mercosul vai se afirmar, cada vez mais, como um fator relevante em nosso hemisfério e no mundo.

Temos no horizonte próximo a conclusão de um acordo de livre comércio com os países andinos, que contribuirá para fortalecer a América do Sul como espaço de prosperidade compartilhada, como espaço de democracia e de cooperação.

Trabalhamos também na negociação com vistas a uma Área de Livre Comércio das Américas.

Nesse processo de múltiplas correntes de integração – nenhuma das quais é excludente –, consideramos que a Costa Rica e, de forma mais ampla, a América Central são parceiros indispensáveis.

Acompanhamos com interesse os avanços no âmbito do Mercado Comum Centro-Americano e do Sistema de Integração Centro-Americano. E vamos levar adiante a aproximação entre o Mercosul e a América Central.

Essas correntes simultâneas, que se reforçam no modelo do regionalismo aberto, desenham-se contra o pano de fundo de um novo padrão de relações internacionais. Um padrão que não é o das relações tradicionais, no qual a relevância dos países se media pelos componentes clássicos de poder, como recursos naturais ou força militar.

Hoje, o conhecimento e a tecnologia valem mais. Vale mais a qualificação do trabalho. Valem o bom funcionamento das instituições democráticas e a capacidade de assegurar um clima propício à atividade produtiva e à criação de riqueza.

O nível de educação, as condições de vida e os indicadores sociais passam a ser, não apenas objetivos éticos, mas também condicionantes da competitividade e do êxito na economia globalizada.

Nessa nova moldura internacional, a Costa Rica tem vantagens comparativas importantes. O Brasil acredita que essas vantagens, somadas aos valores que compartilhamos, abrem o caminho para um relacionamento cada vez mais próximo entre nossos países.

Quero deixar clara a minha mensagem: o Brasil atribui grande importância ao desenvolvimento de um diálogo político de alto nível com a Costa Rica e tem interesse em intensificar e elevar a um novo patamar o seu intercâmbio econômico.

Nos últimos anos, houve iniciativas importantes na área de comércio e de investimentos. Várias empresas brasileiras têm desenvolvido e executado projetos na Costa Rica. Quem quer que examine os dados de comércio e as características de nossas economias concluirá que existe um potencial muito significativo de ampliação.

Os acordos e ajustes que assinamos nesta visita – nas áreas de intercâmbio cultural, cooperação técnica, divulgação e cooperação entre as Chancelarias – haverão de contribuir para o adensamento dos nossos vínculos.

O momento é favorável. Após as dificuldades do ano passado, quando sofremos o impacto das turbulências financeiras internacionais, estamos agora em plena retomada do crescimento. E o que é mais importante: atravessamos a crise e dela saímos sem pôr em risco a estabilidade econômica.

As perspectivas de crescimento abrem oportunidades para uma aproximação crescente entre Brasil e Costa Rica. Uma aproximação cujo sentido será dado pela nossa capacidade de trabalhar juntos para tornar realidade os valores em que acreditamos: a liberdade, a democracia e um futuro de maior justiça e igualdade para todos.

Estes são objetivos grandes, às vezes difíceis, às vezes com obstáculos, mas nada é mais poderoso do que a força de nossas convicções.

E a Costa Rica nos dá, ao Brasil e ao mundo, um exemplo único de convicções firmes, enraizadas na história e fortalecidas pela grandeza dos homens e mulheres que constroem este país.

Muito obrigado.